

PROGRESSÃO CONTINUADA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Eliezer Pedroso da Rocha ¹

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a progressão continuada sob um olhar filosófico. O autor propõe uma reflexão sobre a progressão continuada e a promoção automática enquanto conceitos, especificando suas diferenças. O artigo também procura responder à pergunta: por que a progressão continuada pode ser pesquisada enquanto filosofia da educação e não somente enquanto política pública? Esta pergunta foi feita ao autor quando de sua entrevista para ingresso no mestrado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. O principal referencial teórico deste estudo é o filósofo e educador John Dewey, para quem a educação é um processo de reconstrução contínua da experiência. Trata-se de um estudo conceitual, mas que traz também um olhar etnográfico. O tema é polêmico e, como tal, nem sempre analisado com a profundidade necessária para sua melhor compreensão. É nesse sentido que este artigo pretende contribuir.

Palavras-chave: Filosofia, política pública, progressão continuada, promoção automática, John Dewey.

Abstract

The aim of this paper is to analyze the continued progression in a philosophical look. The author proposes a reflection on the continued progression and automatic promotion as concepts, specifying their differences. The article also tries to answer the question why the continued progression can be searched as a philosophy of education, not only as a public policy? This question was posed to the author when his interview for admission to master's degree at the Faculty of Education, University of São Paulo. The main theoretical framework of this study is the philosopher and educator John Dewey, for whom education is a process of continuous reconstruction of experience. This is a conceptual study, but also brings an ethnographic eye. The topic is controversial and, as such, are not always analyzed with the depth necessary for better understanding. In this sense, this article intends to contribute.

Keywords: Philosophy, public policies, continued progression, automatic promotion, John Dewey.

¹ Mestre e Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Professor de Filosofia na Faculdade Padre Anchieta de Várzea Paulista. Educador no Programa de Formação de Professores da Faculdade de Educação da USP. Professor da rede pública de ensino do Estado de São Paulo e no Colégio Paulo Freire.

Progressão Continuada: um problema

A progressão continuada ainda se apresenta como um problema. No entanto, não é um problema comum, que se costuma resolver como uma questão simplesmente. Aqui, tomamos a palavra problema como foi explicitada por Saviani (1982). Ele procura mostrar que, ao longo do tempo, a palavra perdeu sua essência. Por esse motivo, “uma questão, em si, não caracteriza o problema, nem mesmo aquela cuja resposta é desconhecida; mas uma questão cuja resposta se desconhece e se necessita conhecer, eis aí um problema” (1982, p. 21)). É esse problema que buscamos resolver. Precisamos entender porque houve a confusão com aprovação ou promoção automática. Neste caso valemo-nos da filosofia.

Segundo Saviani (1982), a filosofia se caracteriza por uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto. A palavra radical é aqui entendida como busca pela raiz do problema, seus fundamentos, como reflexão em profundidade. A palavra rigorosa refere-se à reflexão que é feita com rigor, de modo sistematizado, com metodologia própria. Por último, de conjunto quer dizer que não podemos fazer reflexão filosófica se atemo-nos à parcialidade do problema. Para Saviani, “enquanto a ciência isola o seu aspecto do contexto e o analisa separadamente, a filosofia, embora dirigindo-se às vezes apenas a uma parcela da realidade, insere-a no contexto e a examina em função do conjunto” (1982, p. 24). Isto posto, buscaremos na filosofia da educação uma resposta às inquietações provocadas pela implantação da progressão continuada no sistema público de ensino do Estado de São Paulo. Se estudiosos a defendiam, porque professores em sala de aula não conseguiam enxergar da mesma forma?

O que é um conceito?

Jaqueline Russ (1994, p. 45) faz uma referência a Hegel, para quem "o *conceito* é a totalidade das determinações, reunidas em sua simples unidade." Em Japiassu e Marcondes (2006, p. 50), temos que, "do ponto de vista lógico, o conceito é caracterizado por sua *extensão* e por sua *compreensão*." Mais adiante, os autores argumentam que “a compreensão e a extensão se encontram numa relação inversa: quanto maior for a compreensão, menor a extensão; quanto menor for a compreensão, maior será a extensão” (JAPIASSU e MARCONDES, 2006, p. 51).

Em relação à pergunta: O que é um conceito?, Deleuze e Guattari (1992) dizem que "é um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentário" (1992, p. 27). Além do mais, todo conceito deve ter mais de um componente e é definido por esses componentes, sempre remetendo a um ou mais problemas. Muitas das vezes, a confusão se estabelece porque "num conceito, há, no mais das vezes, pedaços ou componentes vindos de outros conceitos" (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 29). É aqui que se confunde progressão continuada com promoção automática.

O conceito de progresso

O que é progredir?

O que diferencia a progressão da promoção?

Por que a progressão continuada foi transformada em promoção automática?

Um indivíduo pode ser progredido? Não! A língua portuguesa nem aceita essa formulação de frase. Por outro lado, um indivíduo pode ser promovido. O progresso ocorre pela relação do indivíduo com o meio ao seu redor, com as circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis. Já a promoção está intrinsecamente relacionada ao elemento externo. A autopromoção não é bem vista. Portanto, o indivíduo precisa ser promovido.

Se tomarmos o termo progresso relacionado à ciência, há uma série de fatores que o apresentam tanto positiva quanto negativamente. Pode estar relacionado a aperfeiçoamento e a avanço. No entanto, o indivíduo pode se aperfeiçoar na arte de roubar. Ninguém pode negar que houve um progresso na ação desse indivíduo. Também podemos ter o progresso de uma doença. Ou podemos ter o termo como os estóicos o empregavam, ou seja, “para indicar o avanço do homem no caminho da sabedoria e da filosofia.”²

Devido às duas grandes guerras mundiais, houve certa desconfiança em relação ao progresso. Aos pós-modernos, a tese de que o mundo será necessariamente melhor do que foi é “um dos mais típicos ‘mitos tranquilizadores’ da Idade Moderna e, paralelamente à repulsa pós-moderna da categoria do ‘novo.’”³

Filosofia da Educação ou Política Pública?

Por que o tema sobre progressão continuada não é tratado tão somente enquanto política pública? Por que abordar dentro da linha de pesquisa da filosofia da educação?

Essas perguntas nos foram feitas quando da apresentação do projeto de pesquisa para ingresso no mestrado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Em resposta, temos este texto.

De acordo com a pergunta do professor, buscamos as ementas das duas linhas de pesquisa que podem ser encontradas no sítio da Pós-graduação da referida Faculdade de Educação. A linha de pesquisa de FILOSOFIA E EDUCAÇÃO⁴, como é hoje concebida,

contempla projetos de pesquisa que abordem, sob a perspectiva filosófica, temáticas educacionais, buscando explicitar, esclarecer e discutir aspectos relacionados ao conhecimento e à prática no campo educacional, em suas manifestações histórico-culturais ou em sua dimensão teórica. Trata-se de

² ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia, 2007, p. 936

³ ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia, 2007, p. 938

⁴ Disponível em: <http://www3.fe.usp.br/pgrad/novo/apresentação/linhas/linha5.asp>. Acesso em 02/08/2009.

trabalhos investigativos que discutam os aspectos lógicos, epistemológicos, éticos, estéticos ou políticos da educação.

Já a linha de pesquisa ESTADO, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO⁵, na qual as políticas públicas estão inseridas,

desenvolve investigações sobre: ação política na multiplicidade de esferas sociais em que a educação incide, com ênfase na atuação do Estado no âmbito das políticas públicas; dinâmica da cidadania e os direitos humanos; relações entre educação (escolar e não escolar) e sociedade, educação e trabalho, educação e diferentes manifestações de desigualdade social (gênero, raça, portadores de dificuldades educacionais especiais); educação e meio ambiente; universalização da escola básica e as formas de participação na gestão do sistema e de unidade de ensino; avaliação de políticas educacionais.

Como vemos, não só é possível, mas necessário que se aborde tema tão complexo sob a luz da filosofia, principalmente em seus aspectos lógico e epistemológico.

Para nos ajudar nesta reflexão, fomos buscar alguns estudiosos da filosofia da educação, com destaque para os professores Antonio Joaquim Severino e Cipriano Carlos Luckesi.

No livro *Filosofia da Educação: construindo a cidadania*, Severino nos diz que “como reflexão filosófica, a Filosofia da Educação desenvolve sua tríplice tarefa: fundamentalmente como reflexão antropológica, epistemológica e axiológica” (1994, p. 37). Seguindo essa linha de raciocínio, algumas perguntas que cabem à filosofia da educação responder são: Que homem queremos formar com determinado conteúdo e para que serve esse conteúdo? O que é o homem para que deva ser ensinado? Existe algum modelo de escola que sirva para as diferentes concepções de sociedade? O que se aprende na escola deve ter um fim prático? Por que muitos alunos saem da escola sem aprender o mínimo exigido para cada série? Assim sendo, cabe à filosofia da educação “instaurar uma discussão sobre questões que envolvam os processos de produção, sistematização e transmissão do conhecimento presentes no processo específico da Educação” (SEVERINO, 1994, p. 38).

Em *Filosofia da Educação*, Luckesi diz que

a educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social. Assim sendo, ela necessita de pressupostos, de conceitos que fundamentem e orientem os seus caminhos. A sociedade dentro da qual ela está deve possuir alguns valores norteadores de sua prática.

Não é nem pode ser a prática educacional que estabelece os seus fins. Quem o faz é a reflexão filosófica sobre a educação dentro de uma dada sociedade.

As relações entre Educação e Filosofia parecem ser quase ‘naturais’. Enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de

⁵ Disponível em: <http://www3.fe.usp.br/pgrad/novo/apresentação/linhas/linha6.asp>. Acesso em 02/08/2009.

uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre *o que e como* devem ser ou desenvolver estes jovens e esta sociedade. (1994, p. 30/1)

Além do mais, continua Luckesi, “A reflexão filosófica sobre a educação é que dá o tom à pedagogia, garantindo-lhe a compreensão dos valores que, hoje, direcionam a prática educacional e dos valores que deverão orientá-la para o futuro” (1994, p. 33). Esses dois autores, em consonância com a linha de pesquisa acima referida, nos dão suporte para fazer o estudo sob tal enfoque.

Ainda seguindo nessa linha de reflexão, continuamos com a pergunta: qual é o papel da filosofia da educação, nesse contexto?

Para Kneller, “a filosofia educacional procura também compreender a educação, na sua integridade, interpretando-a por meio de conceitos gerais suscetíveis de orientarem a escolha de objetivos e diretrizes educacionais”(1970, p. 36). Thomas Ranson Giles, a “Filosofia da Educação deve levar-nos à procura das raízes do processo educativo como fato, mas também com ideal prático a ser por nós construído”(1983, p. 108).

Isto posto, há algumas questões filosóficas a serem examinadas pela filosofia da educação em relação à progressão continuada.

Em relação à pergunta por que ensinar isto ou aquilo?, cabe à filosofia da educação buscar uma resposta. Nesse contexto temos mais algumas questões relacionadas à progressão continuada. São elas: Que homem queremos formar? De que tipo de homem a sociedade necessita? Estamos formando para a sociedade de hoje ou para a sociedade do futuro?

Continuando nossa análise, temos o seguinte: “Cabe à filosofia, entre outras coisas, examinar a concepção de homem que orienta a ação pedagógica, para que, ao se educar, não se eduque a partir da noção abstrata de ‘criança em si’, de ‘homem em si’” (ARANHA, 1996, p.108).

Por ser radical, a filosofia busca a raiz da questão, a raiz do problema que se propõe a analisar. No nosso caso, em relação à progressão continuada, buscamos a raiz desse conceito, para inseri-lo no contexto desta discussão. Por que Progressão Continuada? O que se pretende com a Progressão Continuada? O que é progredir? Qual a relação entre progredir e crescer?

Luckesi é categórico em afirmar que “a educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social. Assim sendo, ela necessita de pressupostos, de conceitos que fundamentam e orientam os seus caminhos”(1994, p. 30/1).

Ainda nessa linha de raciocínio, Luckesi (1994) diz que tanto a filosofia quanto a educação estão inseridas em todas as sociedades. A filosofia está presente como instrumental de interpretação teórica das expectativas e buscas do ser humano, enquanto que a educação vai propiciar a veiculação dessa interpretação.

Isto posto, não há como deixar a filosofia de lado nesta reflexão que é feita sobre a Progressão Continuada, dado que “não há como se processar uma ação pedagógica sem uma

correspondente reflexão filosófica” (LUCKESI, 1994, p.32). Ou se faz a partir do senso comum e de uma herança cultural, ou se faz a partir de uma reflexão filosófica.

Neste ponto, buscamos algumas colocações a respeito da progressão continuada analisando-as a partir das perguntas acima. Ela está intrinsecamente ligada a uma condição essencial para a aprendizagem que é respeitar a individualidade, potencialidade e ritmo de cada um.

A progressão continuada não deve ser vista apenas como uma questão de política pública que visa ao acesso e à democratização do ensino. Trata-se de um problema de filosofia, e mais especificamente, de filosofia da educação, pois “situar-se em sentido crítico e interrogativo diante desses problemas que atingem o processo educativo é o desafio que a Filosofia da Educação deve enfrentar” (GILES, 1983, p. 2).

Desse modo, devemos ter em mente que os termos progressão e continuada são complementares entre si, quase um pleonasma. De qual progressão estamos tratando? Progredir até onde? Há um limite para a progressão?

Com esses questionamentos, queremos dizer que a progressão continuada supõe perspectiva. Queremos dizer que não adianta falar em progressão se não houver uma mudança estrutural, apoiada numa reflexão crítica sobre os pressupostos filosóficos da educação e a necessidade de levá-los às últimas consequências; não pode haver mudança somente no ensino fundamental. Não podemos desvincular a educação do todo social. Há que se levar em conta que essa progressão continuada deve trazer junto a aprendizagem como conquista efetiva, pois o aluno que concluiu o ensino fundamental está apto a cursar o ensino médio e, depois do ensino médio, o ensino superior. No entanto, qual é a estrutura que está esperando por esse aluno no ensino superior?

Ainda não existe um estudo pormenorizado a respeito das condições que esse aluno que concluiu o ensino fundamental e médio encontrou no ensino superior, haja vista que, como o primeiro ano de implantação no sistema público de ensino no Estado de São Paulo foi em 1998, somente em 2009 ingressou no ensino superior a primeira turma que fez todo o processo dentro do regime de progressão continuada. No ano de 2006, essa turma ingressou no ensino médio.

Aqueles que começaram o ciclo II (antiga 5ª série) em 1998, dependendo do curso, somente em 2009 concluiu o ensino superior. Esses dados são importantes para que tenhamos bem claros os avanços ou retrocessos de uma política educacional. Esses dados são importantes para que possamos compreender as mudanças efetivas ocorridas no sistema educacional. Isto posto, não há processo educativo se não houver mudança na relação que se estabelece entre o indivíduo e o meio no qual está inserido.

Educação e Mudança

Platão já dizia que a educação está intrinsecamente relacionada à problemática social. As mudanças sociais refletem-se na educação, impreterivelmente, e vice-versa. Desse modo,

qualquer mudança no campo da educação deve ter como objetivo uma mudança social. Não é qualquer mudança; não basta mudar; a mudança deve trazer melhoria nas condições de vida de mais e mais pessoas. Por isso, Dewey (1959) afirma que o objetivo da educação é sempre mais educação. Contudo, há que procurar entender que a educação aqui referida é promovida pela integração entre o indivíduo e o meio social.

A filosofia como reflexão crítica também vai mostrar que devemos ter critérios para qualquer análise sobre a educação. Ser crítico é analisar com critérios. Não é simplesmente ser a favor ou contra. É ter parâmetros para um posicionamento. No nosso caso, como dissemos anteriormente, a progressão continuada ainda necessita de mais parâmetros. Não podemos fazer uma conclusão apenas pela relação entre quantidade e qualidade. É muito comum dizer que a progressão continuada não dá certo, pois a maioria dos alunos sai da escola sem aprender a ler e a escrever. Ou ainda, que a progressão continuada não prepara os alunos para o vestibular e, conseqüentemente, para a continuidade dos estudos no ensino superior. Mas será que qualidade e quantidade em educação só devem ser vistas por esse ângulo?

Progressão Continuada e Reconstrução

Nessa reflexão sobre a relação entre a filosofia da educação e a progressão continuada, John Dewey será, agora, nosso referencial.

Para Dewey, a educação é uma constante reorganização e reconstrução da experiência. Educação é vida e vida é educação. Assim sendo, a única preparação para a vida futura é a de oferecer condições para o desenvolvimento do autodomínio e o pleno uso de suas capacidades.

A progressão continuada supõe a idéia de uma evolução constante respeitando os limites e ritmos de cada aluno, haja vista que “educar não é fabricar homens segundo modelo comum, é liberar, em cada homem, o que o impede de ser ele mesmo, permitir-lhe realizar-se segundo seu gênio singular” (REBOUL, 1974, p.41).

No entanto, “a educação como ‘reconstrução da experiência’ leva à ‘reconstrução da natureza humana’ num âmbito social, pois os indivíduos, para se desenvolverem satisfatoriamente, têm de crescer juntos” (KNELLER, 1970, p.134). É o próprio Dewey quem diz: “uma democracia é mais do que uma forma de governo; é, primordialmente, uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada” (DEWEY, 1959, p.93). Assim sendo, faz-se necessário entender que todo processo educativo é ideológico e, portanto, não é neutro. Resta saber qual é a ideologia que está por trás da confusão que se faz entre progressão continuada e aprovação ou promoção automática.

Educação e Ideologia

É inegável que os valores estabelecidos por um professor para a aprendizagem dos alunos estão relacionados à sua maneira de encarar esses valores. É comum ouvir dizer que um professor

que é pai ou mãe, e que trata os seus alunos diferentemente de como trata os seus filhos no tocante a princípios e valores, é hipócrita. Não se pode querer um tipo de sociedade para os filhos e outro para os alunos. Assim, os princípios e valores para uns devem ser os mesmos para outros. Isto está longe de querer dizer que o professor deve tratar o aluno como filho. O que se quer dizer é que, em relação a valores, em relação a currículo oculto, os princípios devem ser os mesmos.

A escola deve propiciar as melhores condições para que haja o crescimento de seus alunos. No entanto, isso não deve ser feito por meio da imposição de informações na cabeça dos alunos, como se fosse uma tábula rasa, pois não é a quantidade de conteúdo que faz a diferença, mas a qualidade deste. Neste sentido, façamos o seguinte questionamento: qual a relação possível entre quantidade e qualidade em educação? Por que comumente se diz que a quantidade faz diminuir a qualidade?

O professor Pedro Demo (1994) enfatiza que não podemos tratar de quantidade e qualidade como sendo coisas separadas, mas como faces de um todo. Ele diz que quantidade deve ser vista pelo ângulo da extensão, enquanto que qualidade pelo ângulo da intensidade. Assim, não podemos analisar a quantidade como uma negação da qualidade.

Desde os primeiros estudos de Anísio Teixeira sobre a democratização do ensino, já havia a polêmica acerca da inserção do aluno pobre na escola básica como fator responsável pela diminuição da qualidade do ensino. Mudando o foco da discussão do que seja quantidade e qualidade em educação, o façamos do ponto de vista do conteúdo. Se a quantidade faz cair a qualidade, pensemos no seguinte: o que os colégios particulares – que sobrevivem em função da quantidade de alunos que ingressam na universidade pública – fazem, não é a mesma coisa? Eles não primam pela quantidade de conteúdo? E essa quantidade, não faz cair a qualidade desse conteúdo? Quanto desse conteúdo será realmente útil para a vida desse aluno? De tudo o que ele aprendeu para passar no vestibular, o que fica para sua vida? O que esse aluno aprendeu para passar no vestibular faz dele um ser humano melhor?

Em dado momento do seu livro *Educação e Qualidade*, Demo argumenta que “qualidade representa o desafio de fazer história humana como objetivo de humanizar a realidade e a convivência social” (1994, p. 12). Assim, quando se fala da qualidade em educação, devemos levar em conta que “não se trata apenas de intervir na natureza e na sociedade, mas de intervir com sentido humano, ou seja, dentro de valores e fins historicamente considerados desejáveis e necessários, eticamente sustentáveis” (DEMO, 1994, p.12).

Plasticidade e Crescimento⁶

O conceito de progressão continuada está intrinsecamente relacionado aos conceitos de plasticidade e crescimento em Dewey. Para este autor, plasticidade representa possibilidade de evolução. Já crescimento deve ser entendido enquanto crescendo, ou seja, as coisas estão em

⁶ Falando sobre crescimento, Dewey se remete à imaturidade, como um aspecto positivo e, como traços fundamentais desta, nos apresenta a dependência e a plasticidade. Para ele, tanto a dependência quanto a plasticidade são imprescindíveis para que haja o crescimento.

constante evolução, dado que o homem é um ser inacabado, isto é, em processo. É neste sentido que inferimos a relação entre os referidos conceitos e a progressão continuada.

Karl Jaspers diz ser o homem aquele que quer ultrapassar-se. No entanto, “só na ação sobre si mesmo e sobre o mundo em suas realizações é que ele adquire consciência de ser ele próprio, é que ele domina a vida e se ultrapassa” (JASPERS, 1973, p.50). Com isto, ele quer dizer que o ser humano não é um ser acabado, mas em construção, ou seja, quando nascemos, não estamos completos enquanto humanos.

E qual é o papel da escola na formação desse homem?

A escola pode e deve propiciar as melhores condições para que o aluno aumente a sua capacidade de encontrar-se enquanto homem, enquanto ser que é capaz de ir além de certos limites impostos pelas condições sociais nas quais está inserido.

Como demonstrar que o aluno é capaz de progredir, não porque foram tiradas as barreiras, mas porque é um ser de projeto, um ser que se projeta para o futuro, um ser que quer ultrapassar-se?

Para Olivier Reboul,

o homem é um animal nascido ‘antes do termo’; seu organismo, a começar pelas ligações nervosas do cérebro, está inacabado; isto é, deve aprender tudo, tudo quando dele fará um homem, a estação vertical, a linguagem, e o resto; e, enquanto aprende, depende dos outros, da ‘gente grande’. Essa falta de acabamento do homem é, também, sua grandeza, (...) o inacabado de sua natureza significa plasticidade sem limites (1974, p. 37).

A escola deve propiciar as condições para que cada criança seja ela mesma, “assimilando o que cada cultura oferece de verdadeiramente humano” (REBOUL, 1974, p.44). Aqui, Reboul corrobora a idéia de Dewey segundo a qual “o objetivo da educação é habilitar os indivíduos a continuar sua educação – ou que o objeto ou recompensa da educação é a capacidade para um constante desenvolvimento” (DEWEY, 1959, p.108).

Este é um dos motivos de Dewey não aceitar a idéia de que a escola deve preparar para a vida.

Essa concepção de educação enquanto preparação para a vida é aquela segundo a qual a sociedade tem modelos pré-estabelecidos os quais devem ser atingidos, alcançados. Esses modelos são os mais variados possíveis, mas estão prontos, definidos. Pensar numa educação como preparação para a vida é pensar que o adulto é um modelo a ser seguido, atingido pela criança; “o adulto é um ser acabado, para quem ‘a sorte está lançada’, que aprendeu a desempenhar um papel, a trazer numa máscara para não perder o prestígio” (REBOUL, 1974, p.93).

Isto posto, salienta-se que “a educação deve instrumentalizar o homem como um ser capaz de agir sobre o mundo e, ao mesmo tempo, compreender a ação exercida. A escola não é a transmissora de um saber acabado e definitivo, não devendo separar teoria e prática, educação e vida” (ARANHA, 1996, p.52).

Assim, a concepção de educação como preparação para a vida pauta-se na idéia de que a

realidade é estática, sem possibilidade de mudança. Isto é radicalmente contra o princípio de crescimento. Educação é vida e vida é crescimento. Desse modo, como bem salientou Reboul (1974), não se pode recusar o direito que o homem tem de crescer; quando isto acontece, é como estagná-lo num determinado ponto, tanto afetivo quanto intelectual do seu crescimento. Nesse sentido, progredir é crescer; progredir é avançar, é ultrapassar-se. Assim sendo, não existe um limite para o crescimento, como não existe um limite para a progressão.

Para Dewey, a capacidade que a criança tem para aprender, para crescer caracteriza sua plasticidade, isto é, “a aptidão de aprender com a experiência, o poder de reter dos fatos alguma coisa aproveitável para solver as dificuldades de uma situação ulterior” (DEWEY, 1959, p.47). Além do mais, a plasticidade vai propiciar o desenvolvimento das atitudes mentais, sem as quais seria impossível a formação dos hábitos e, conseqüentemente, a evolução.

Finalizando, salientamos que cabe à filosofia da educação refletir sobre os fundamentos do processo ensino-aprendizagem. A análise de todo e qualquer processo pedagógico passa, impreterivelmente, pela filosofia da educação. É ela que vai fazer as perguntas: por que e para que a educação?

Como toda prática educativa é uma prática política, cabe ainda à filosofia da educação se perguntar sobre qual é a base teórica e postura política que sustentam uma proposta pedagógica que, no nosso caso, é a progressão continuada.

Portanto, a progressão continuada, entendida enquanto política pública que visa à eliminação da repetência e evasão escolar acaba se transformando em promoção automática, pois, na maioria dos casos, o indivíduo, no caso o aluno, não evolui a partir das condições que a ele são colocadas. Ele acaba recebendo uma promoção de fora para dentro. Ele é promovido, mas nem sempre evolui, nem sempre progride. A progressão continuada, por sua vez, supõe um crescimento do indivíduo enquanto pessoa, enquanto ser inserido numa sociedade com capacidade de contribuir para a evolução desta. A progressão é a partir do eu. A promoção é a partir do outro. Posso receber uma promoção no meu emprego, mas não por méritos, e sim por apadrinhamento. Diferentemente disto, a progressão é pessoal, é um crescimento constante, é processo, é evolução. Por esse motivo é que dizemos que nenhum educador deve se posicionar contra a progressão continuada. Já a promoção automática é outra coisa. É essa confusão que existe hoje em relação a essas duas palavras. Sem uma devida adequação de toda a estrutura educacional que vai desde o salário do professor até o número de alunos em sala de aula, o governo está fazendo promoção automática, dado que os alunos são promovidos sem as devidas condições para estarem na série matriculada. O Estado não deve pensar em evasão e repetência tão somente enquanto números, mas na qualidade da aprovação, no progresso que esse indivíduo terá a partir de seu processo de escolarização. É nesse contexto que os conceitos de progressão continuada e promoção automática devem ser analisados pela filosofia. Daí a relação entre a progressão continuada e a filosofia da educação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. 2ª ed. rev., São Paulo: Moderna, 1996.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DEMO, Pedro. *Educação e Qualidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994 (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico).
- DEWEY, John. *Democracia e Educação*. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, 3ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- GILES, Thomas Ranson. *Filosofia da Educação*. São Paulo : Editora Pedagógica Universitária, 1983.
- JASPERS, Karl. *Introdução ao Pensamento Filosófico*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1980.
- JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 4ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2006.
- KNELLER, George F. *Introdução à Filosofia da Educação*. 3ª ed., Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- REBOUL, Olivier. *Filosofia da Educação*. Trad. Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Editora da USP, 1974.
- RUSS, Jacqueline. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Scipione, 1994.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 2ª ed., São Paulo: Cortez Editora: Autores Associados, 1982.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Filosofia da Educação: construindo a cidadania*. São Paulo: FTD, 1994.
- TEIXEIRA, Anísio Spínola. *Educação não é privilégio*. 4ª ed. São Paulo, Editora Nacional, 1977.